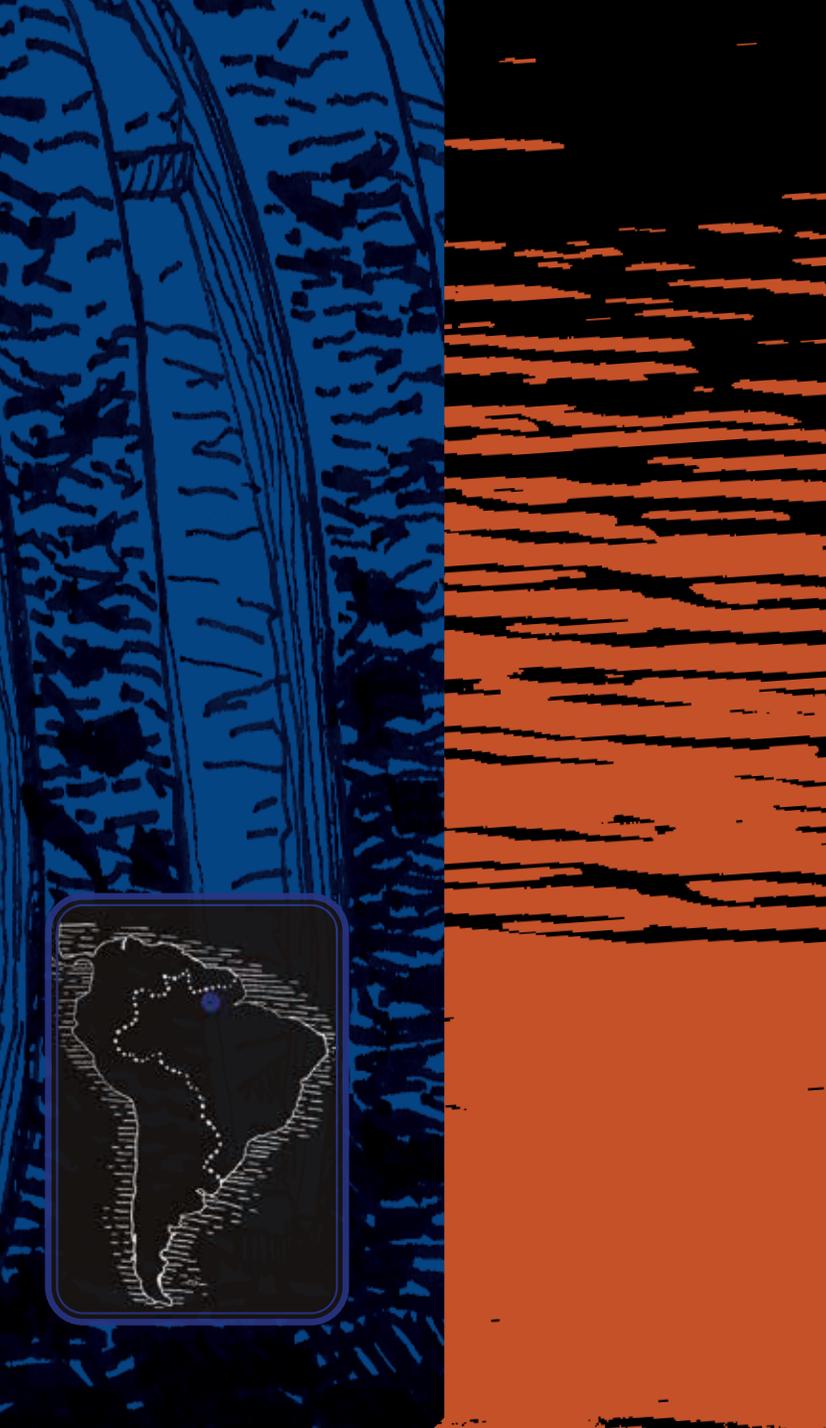


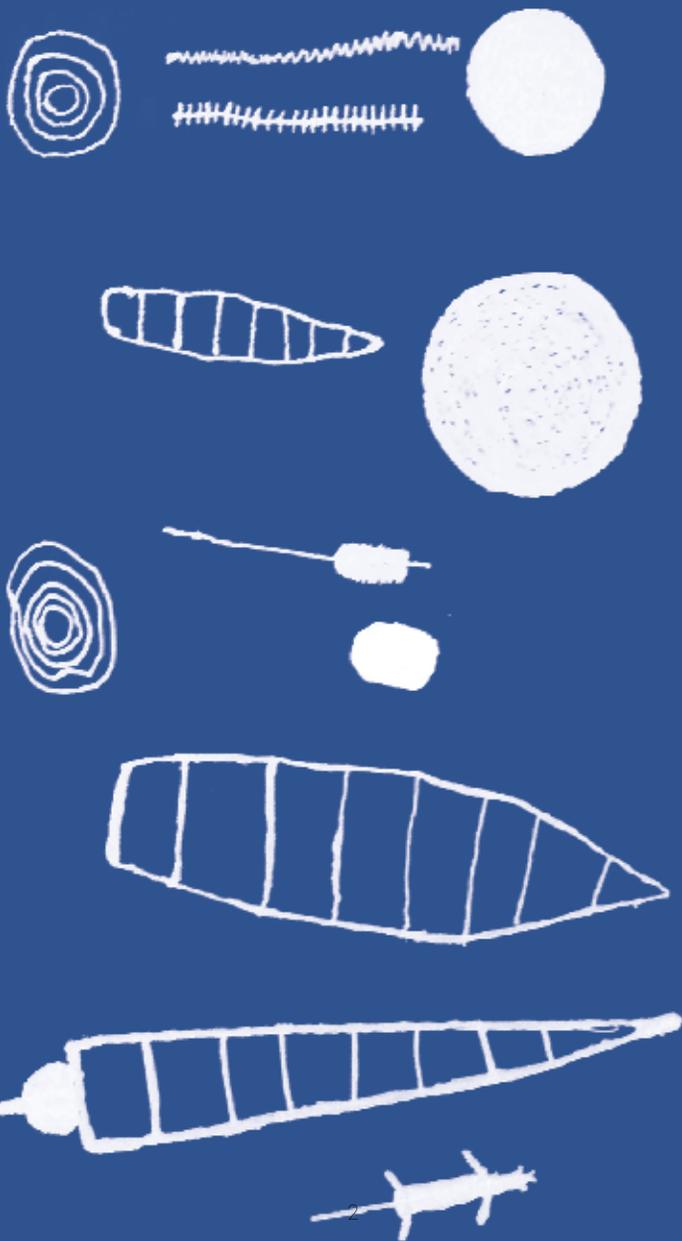
IHARA RAPE RUPI

pelo caminho da canoa



SABERES ZO'É





IHARA RAPE RUPI

pelo caminho da canoa

FABIO A. N. RIBEIRO

desenhos

MULHERES E HOMENS ZO'É

ilustrações

CATHERINE GALLOIS



SABERES ZO'É

Iepé & FPEC-Funai

2023

COMO LER AS PALAVRAS DA LÍNGUA ZO'É CITADAS NESTE LIVRO	07
PREFÁCIO por Dominique Tilkin Gallois	11
CANOAS DE METAL	21
DE COMO E COM QUEM BAIJO E KARU aprenderam a fazer canoas de madeira...33	
DIFUSÃO DESSE SABER-FAZER	43
UMA CANOA WAIWAI PARA BOJ	51
EM BUSCA DE UMA AROEIRA	65
COMO SE FAZ UMA CANOA, segundo Todu'a e Eremin	77
APERFEIÇOANDO O DESIGN DAS CANOAS	103
ACORDOS E RELAÇÕES	111
FAZER CANOAS PARA ABRIR NOVAS ALDEIAS E CUIDAR DO TERRITÓRIO...	117
COMO ESSE LIVRO FOI FEITO	127

COMO LER AS PALAVRAS EM LÍNGUA ZO'É

Os Zo'é falam uma língua da família Tupi-Guarani. Junto com os Wajápi (no Amapá) e os Emerillon (na Guiana Francesa), são os únicos falantes de línguas dessa família linguística na região das Guianas. Em 2013, a linguista Ana Suelly Cabral elaborou uma proposta de ortografia para a língua zo'é. Apoiados nessa proposta, que vem sendo atualizada com a participação dos Zo'é, Leonardo Braga, Fabio Ribeiro e Hugo Prudente elaboraram notas sobre a escrita de palavras zo'é em trabalhos acadêmicos e nos volumes anteriores da série “saberes Zo'é”. As sugestões abaixo são baseadas nesses trabalhos, levando também adequações propostas pelos Zo'é. Desde 2017, a equipe do Programa Zo'é do Iepé desenvolve um programa de letramento que envolve uma turma de jovens zo'é. Desde então, como se verá neste livro, esses jovens têm ativamente registrado o cotidiano de suas aldeias e de suas andanças.

Normalmente a sílaba mais forte da palavra é a última, não sendo necessário, portanto, acentuá-la. *Boke*, por exemplo, que significa facão ou terçado, deve ser lido “boquié”.

A letra **Y** representa um som que não temos na língua portuguesa. Ele soa próximo ao “eu” francês e é muito frequente nas palavras zo’é. *Y* significa água, igarapé ou rio.

A letra **H** soa como no inglês. A palavra zo’é para canoa que aparece no título do livro, *ihat*, deve ser lida “irré”.

Quando o **J** aparece depois de qualquer vogal, ele soa como um “i” fraco. Como por exemplo no nome *Boj*, que deve ser lido como “Bói”. *Boj* em Zo’é significa cobra e é também o nome de um importante chefe atual. Sempre que o **J** preceder uma vogal em sílaba nasalizada, ele tem som de “nh”. *Kejā* (localidade no centro da Terra Zo’é) soa como “Quenhá”.

A letra **K**, no início de uma palavra ou nome, soa como o “c” do português, como no nome de um homem zo’é chamado *Kuru*, que se lê “Curú”. Quando **K** aparece entre duas vogais, o som a ser pronunciado é ligeiramente diferente do “c” em português. Assim, o nome do jovem *Tekaru* lê-se “Tekiarú ou Tequiarú” e *tekoha* (lugar do bem-estar; território) lê-se

“tequiorrá”. Em alguns casos, o **K** no início de um nome pode ter esse mesmo som, como no caso do rio Kare, que se lê “Quiaré”.

O **R**, por sua vez, sempre tem som de “r” brando, mesmo no começo da palavra. Os Zo’é, por exemplo, chamam o rio Erepecuru de *Repkuru*, cujo r inicial soa como o “r” da palavra “heresia”. A palavra para “caminho”, *rape*, também se lê com “r” brando e acento agudo no final.

Já a palavra *San*, nome de um chefe zo’é, deve ser lida com som de **X**, do modo como pronunciamos, em português, a palavra “xampu”. É a letra s que representa este som na escrita da língua zo’é.

PREFÁCIO

Este é o terceiro volume de uma série de publicações dedicadas aos saberes e práticas do povo Zo'é. Este livro aborda uma inovação tecnológica recente, que é a fabricação de canoas em madeira. Contrariamente aos seus vizinhos, povos de língua Carib, os Zo'é não costumavam instalar suas aldeias perto de grandes cursos d'água e se deslocavam sempre a pé, em trilhas abertas em meio a floresta. Já seus vizinhos Waiwai, Tiriyó, Katxuyana, Kahyana, Tunayana, Wayana e Apalai são exímios canoeiros, que vivem nas margens de grandes rios na região de fronteiras entre Brasil, Guiana e Suriname.

A publicação aborda a história recente do povo Zo'é, iniciando na década de 1990, quando servidores da Funai levaram para a área uma primeira embarcação em alumínio e um motor de popa. A partir de então, os Zo'é aprenderam a navegar nos cursos d'água mais importantes de sua terra. Depois, através de um intercâmbio com indígenas Waiwai, aprenderam a fazer canoas em madeira e hoje praticamente todas as famílias possuem uma embarcação para circular em rios grandes ou em igarapés menores. Para contar essa história, Fabio Ribeiro construiu um relato a partir de sua própria experiência e convivência com os Zo'é na última década, quando foi Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema – Funai.



ZO'É

Este povo, falante de uma língua Tupi-Guarani, vive nas densas florestas do interflúvio dos rios Erepecuru e Cuminapanema, no norte do estado do Pará. São atualmente 330 pessoas, que se distribuem entre 18 grupos familiares que circulam entre 52 pequenas aldeias.

Pelo fato de terem estabelecido relações continuadas com os não indígenas apenas no final da década de 1980, e por manterem significativa autonomia em seu modo de vida, os Zo'é são um dos poucos povos indígenas considerados pelo Estado brasileiro como de “recente contato”. Sua organização territorial é caracterizada por uma intensa mobilidade das famílias entre diversos assentamentos. Assim, vivem da floresta sem degradá-la, uma vez que as atividades de cultivo das roças, de caça, pesca e coleta são feitas em pequena escala, pelas diferentes famílias, em áreas distintas. Dessa forma, eles acumulam um exímio conhecimento sobre seu território, percorrido através de uma intrincada rede de caminhos que dão acesso não só às aldeias, acampamentos e capoeiras, mas

a pontos específicos de caça de determinados animais, ou a locais de coleta dos mais diversos recursos utilizados no dia a dia, tanto para alimentação como para a fabricação de utensílios e de adereços.

FAZ

Há várias décadas, os Zo'é incorporaram em seu modo de vida alguns itens industrializados, como facas, terçados e machados, que eles conhecem e usam inclusive desde antes do contato oficial. Também demandam anzóis, arames, chumbadas e linhas de pesca, lanternas e pilhas, linhas de algodão. Mais recentemente, com a disseminação da construção de canoas em madeira, passaram a demandar também ferramentas diversificadas como enxós, martelos e pregos. Foi para atender adequadamente essas demandas e abastecer equitativamente todas as famílias que a FPEC/Funai idealizou, em 2016, o Fundo de Artesanato Zo'é – FAZ, que consiste num sistema de trocas entre itens industrializados e artefatos produzidos pelas famílias. Desde então, o FAZ também conta com apoio da equipe do Programa Zo'é do Iepé, para ampliar a

comercialização de artesanato e também dos livros desta série “Saberes Zo'é”. O artesanato comercializado inclui artefatos trançados, recipientes em cerâmica, colheres, tipoias em algodão, brincos e pulseiras.

As trocas realizadas através do FAZ envolvem todas as famílias zo'é, que entregam peças de artesanato e recebem itens que foram previamente selecionados em reuniões com os chefes de todas as aldeias. Ou seja, a um certo conjunto de artesanato vendido corresponde um certo número de itens industrializados adquiridos com o recurso da comercialização das peças. Os itens são sempre comprados na quantidade que atenderá a todas as famílias e a entrega é realizada em lotes de diferentes tipos de mercadorias, escolhidas segundo a expressa preferência dos Zo'é. A gestão do FAZ, antes sob responsabilidade da FPEC/Funai, vem sendo agora compartilhada com a Organização Indígena Zo'é – *Tekohara*, criada em 2022. Os jovens que participam da diretoria desta organização e que aprenderam a ler e escrever em sua língua acompanham a entrega de peças de artesanato e a distribuição das mercadorias, a partir de listas que eles organizam cuidadosamente, atendendo às demandas das aldeias.

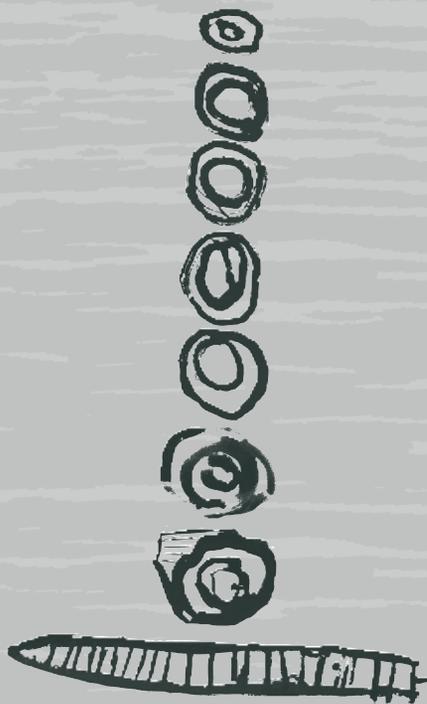
O FAZ é, portanto, um instrumento importante para a divulgação qualificada e o reconhecimento dos saberes e práticas dos Zo'é, ao mesmo tempo que representa um contexto significativo para a apropriação de novos saberes indispensáveis à gestão autônoma e sustentável do modo de vida dos Zo'é. Esperamos que, com a venda de mais um livro da série “Saberes Zo'é”, possamos ampliar o volume de recursos necessários a aquisição e distribuição dos bens de consumo que fazem parte do cotidiano das famílias.

Este volume, em particular, exemplifica uma inovação muito interessante em termos de sustentabilidade. Pois, se as primeiras canoas usadas pelos Zo'é eram voadeiras de metal trazidas de longe, hoje eles produzem em suas aldeias belas canoas em madeira de aroeira. Em próximos volumes da série, serão abordados outros conhecimentos, como os envolvidos na construção das casas, no preparo dos alimentos e na fabricação de outros muitos artefatos do dia a dia desse povo.

São Paulo, junho de 2023

Dominique Tilkin Gallois,
USP e Iepé





**POTARUHU RANE TUPA AMU,
AMU, AMU Y. A'E "TA'EPETE"
E'I JO'E. A'ERAME KURIRI
AIHARAPOHA DOKUHAJ,
A'ERAME FUNAJ AIHAT
OERUT, OERUT, A'ERAME
WAHY JÕ, WAHY JÕ. ÕJ
MOTO TENO PISOK, A'EPETE.**

Queríamos muito ir a outros lugares, outros rios. Então “vamos fazer acontecer” disseram os Zo'é. Naquele tempo, não sabíamos fazer canoas; então a Funai trouxe canoa, depois trouxe de novo, mas era difícil, muito difícil. Hoje, é só colocar o motor [nas canoas de madeira] e aí está bom.

Kuru